



## A ECONOMIA POPULAR NO TERRITÓRIO DA MALHADA CRATO – CEARÁ<sup>1</sup>

## LA ECONOMÍA POPULAR EN EL TERRITORIO DE MALHADA, CRATO – CEARÁ

Cícero Luciano Ferreira de Castro<sup>2</sup>  
[profmelucianocastro@gmail.com](mailto:profmelucianocastro@gmail.com)

Claudio Ubiratan Gonçalves<sup>3</sup>  
[biragrario@gmail.com](mailto:biragrario@gmail.com)

### Resumo

Este artigo analisa a experiência da Casa de Farinha da comunidade rural Sítio Malhada, localizada no distrito de Ponta da Serra, município do Crato – CE, tomando como referência o relato oral de Dona Maria de Lourdes. A partir da perspectiva marxista e dialogando com a proposta de economia solidária de Paul Singer (2002), o estudo busca compreender como o trabalho familiar e cooperativo se configura como forma de resistência à lógica capitalista e de fortalecimento da reprodução social no campo. A narrativa evidencia que o território rural não se restringe a um espaço de produção, mas constitui um campo de relações sociais, afetivas e simbólicas que expressam autonomia e pertencimento. As práticas desenvolvidas na casa de farinha revelam a permanência de valores comunitários, a autogestão e a circulação solidária da renda, configurando um exemplo concreto de territorialidade construída “desde os debaixo”. Assim, a experiência do Sítio Malhada demonstra que a economia solidária, quando enraizada em vínculos familiares e territoriais, contribui para a sustentação da vida rural e para a afirmação de modos de existência alternativos às formas hegemônicas de desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Economia popular; Território, Malhada, Casa de farinha.

### Resumen

Este artículo analiza la experiencia de la Casa de Harina de la comunidad rural Sítio Malhada, ubicada en el distrito de Ponta da Serra, municipio de Crato (CE), a partir del relato oral de Doña María de Lourdes. Desde una perspectiva marxista y en diálogo con la propuesta de economía solidaria de Paul Singer (2002), el

<sup>1</sup> Esta pesquisa conta com apoio da FACEPE – Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco.

<sup>2</sup> Doutorando em Geografia pelo PPGEIO da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Espaço Agrário e Campesinato – LEPEC e Bolsista da FACEPE.

<sup>3</sup> Coordenador do Programa de Educação Tutorial de Geografia e do Laboratório de Estudos e Pesquisa sobre Espaço Agrário e Campesinato– LEPEC. Professor do Departamento de Geografia e Vice Coordenador Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.



estudio busca comprender cómo el trabajo familiar y cooperativo se configura como una forma de resistencia a la lógica capitalista y de fortalecimiento de la reproducción social en el campo. La narrativa evidencia que el territorio rural no se limita a un espacio de producción, sino que constituye un campo de relaciones sociales, afectivas y simbólicas que expresan autonomía y pertenencia. Las prácticas desarrolladas en la casa de harina revelan la permanencia de valores comunitarios, la autogestión y la circulación solidaria de los ingresos, configurando un ejemplo concreto de territorialidad construida “desde abajo”. Así, la experiencia del Sítio Malhada demuestra que la economía solidaria, cuando está arraigada en vínculos familiares y territoriales, contribuye al sostenimiento de la vida rural y a la afirmación de modos de existencia alternativos a las formas hegemónicas de desarrollo.

**Palabras clave:** Economía popular; Territorio, Malhada, Molino harinero.

## Abstract

This article analyzes the experience of the flour mill in the rural community of Sítio Malhada, located in the district of Ponta da Serra, municipality of Crato – CE, taking as a reference the oral account of Dona Maria de Lourdes. From a Marxist perspective and engaging with Paul Singer's (2002) proposal of solidarity economy, the study seeks to understand how family and cooperative work is configured as a form of resistance to capitalist logic and as a way of strengthening social reproduction in the countryside. The narrative shows that the rural territory is not limited to a space of production, but constitutes a field of social, affective, and symbolic relations that express autonomy and belonging. The practices developed in the flour mill reveal the permanence of community values, self-management, and the solidarity-based circulation of income, constituting a concrete example of territoriality built "from below". Thus, the experience of Sítio Malhada demonstrates that the solidarity economy, when rooted in family and territorial ties, contributes to the sustenance of rural life and to the affirmation of modes of existence alternative to the hegemonic forms of development.

**Keywords:** Popular economy; Territory, Malhada, Flour mill.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa o papel da casa de farinha no território da Malhada, comunidade rural do município do Crato – CE, como expressão concreta das contradições entre capital e trabalho, saber técnico e tradição, reprodução social e autonomia camponesa. A casa de farinha é compreendida não apenas como unidade produtiva, mas como espaço social de mediação entre o passado e o presente, entre a economia popular e as imposições do capital, entre o saber ancestral e os conhecimentos sistematizados.

Assim, entre os relatos da comunidade, o testemunho de Dona Lourdes revela a centralidade da casa de farinha na dinâmica de reprodução da vida no campo. Ao retornar à Malhada após sua formação técnica no Instituto Federal, Dona Lourdes ajuda a reativar a produção local aliando o



conhecimento científico à prática tradicional. A casa de farinha da associação, cuja produção se intensifica sazonalmente no período da Expocrato<sup>4</sup>, simboliza tanto a dependência da economia local frente às temporalidades do capital quanto a capacidade de reinvenção produtiva dos sujeitos locais.

Além do mais, a pesquisa identifica, no surgimento de uma casa de farinha, um processo de reterritorialização ampliada, no qual os moradores da Malhada transformam a experiência comunitária em estratégia autônoma de geração de renda e permanência na terra. Esse processo evidencia o que Henri Lefebvre (1974) define como apropriação social do espaço – quando os sujeitos conferem significados e usos produtivos ao território, contrariando as lógicas abstratas do capital.

Isso posto, metodologicamente, a pesquisa baseia-se na escuta sensível de relatos orais, com ênfase nas vivências dos agricultores que construíram a casa de farinha, sistematizadas e debatidas em contexto comunitário. As entrevistas permitiram identificar a importância da cooperação familiar, das relações intergeracionais e da memória do trabalho camponês como elementos estruturantes da casa de farinha enquanto espaço de resistência econômica, cultural e simbólica.

O artigo conclui que a casa de farinha da Malhada não representa um resíduo arcaico da economia rural, mas uma forma contemporânea de resistência territorial. Ao conjugar trabalho coletivo, saber técnico e luta por autonomia, ela desafia as narrativas desenvolvimentistas que marginalizam a economia popular. Mais do que um equipamento produtivo, a casa de farinha é território vivo, onde se produz farinha, mas também dignidade, pertencimento e futuro.

A análise da experiência da casa de farinha na Malhada também permite refletir sobre as transformações do trabalho no campo diante das políticas de modernização agrícola e da inserção de tecnologias produtivas. Ainda que a mecanização e os saberes técnicos advindos de instituições formais tenham contribuído para aperfeiçoar etapas do processo produtivo, o sentido social do trabalho permanece ancorado na cooperação familiar e nas práticas de solidariedade.

Nesse aspecto, observa-se o que Marx (2015) denomina de dupla dimensão do trabalho — por um lado, a sua função criadora e socializadora, e, por outro, a sua sujeição às formas de exploração impostas pela lógica do capital. No caso da Malhada, o domínio técnico não substitui o

---

<sup>4</sup> A Expocrato é formalmente chamada de Exposição Centro-Nordestina de Animais e Produtos Derivados. Trata-se da maior feira agropecuária do Norte e Nordeste do Brasil, realizada anualmente em julho, no Parque de Exposições Pedro Felício Cavalcanti, na cidade do Crato, no interior do Ceará. Segundo o jornal O Diário do Nordeste em julho de 2025 foi realizada a 72ª edição, considerada a maior da história, reunindo cerca de 1,2 milhão de visitantes e gerando mais de R\$ 140 milhões em negócios.



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

saber camponês, mas o complementa, possibilitando novas mediações entre o conhecimento científico e a prática tradicional, sem romper os vínculos comunitários e territoriais que sustentam a produção.

Ao mesmo tempo, a casa de farinha se insere em um contexto mais amplo de disputas territoriais, em que o campo deixa de ser apenas espaço de produção para afirmar-se como território de resistência e de vida. Essa perspectiva aproxima-se do entendimento de Haesbaert (2004), segundo o qual o território deve ser compreendido como construção social múltipla, atravessada por relações de poder, identidades e usos diferenciados do espaço.

A casa de farinha, portanto, é expressão material de uma territorialidade camponesa que se recria frente às imposições do mercado e do Estado. Ela rearticula práticas de trabalho e solidariedade, afirmando-se como locus de economia solidária e de autonomia coletiva, em sintonia com a defesa de Singer (2002) de uma economia enraizada na autogestão e na cooperação. Assim, o território da Malhada revela-se não apenas como cenário de permanência, mas como espaço ativo de invenção social e política frente às contradições do capitalismo contemporâneo.

Ao situar a experiência da casa de farinha da Malhada no debate sobre economia popular e território, este artigo busca contribuir para a ampliação das reflexões acerca das formas de produção e organização social que emergem fora dos circuitos hegemônicos do capital. A análise demonstra que a economia popular não deve ser compreendida apenas como uma instância de subsistência ou informalidade, mas como um campo complexo de práticas econômicas e simbólicas fundadas na reciprocidade, na cooperação e na autogestão.

Ao evidenciar as relações entre trabalho, solidariedade e pertencimento territorial, a pesquisa reforça a necessidade de repensar o desenvolvimento rural a partir das práticas concretas dos sujeitos que habitam e produzem o território. Assim, o estudo da casa de farinha da Malhada oferece subsídios para a construção de uma leitura crítica e situada da economia popular, compreendendo-a como parte constitutiva das lutas por autonomia e pela permanência no campo, em contraposição às dinâmicas de desterritorialização impostas pela racionalidade capitalista.



## **METODOLOGIA**

A metodologia adotada fundamenta-se na escuta ativa e na valorização dos relatos orais dos moradores do sítio Malhada, zona rural do município do Crato, no Ceará. Essa escolha metodológica ancora-se no paradigma qualitativo e no método do materialismo histórico-dialético, que busca compreender as relações sociais e espaciais em sua processualidade histórica, revelando contradições e movimentos que configuram o território como produto e condição da vida social.

O trabalho de campo foi desenvolvido a partir de entrevistas abertas e conversas informais, nas quais a escuta foi concebida não apenas como técnica, mas como gesto ético e político de reconhecimento da voz dos sujeitos históricos. Os relatos orais foram registrados, transcritos e analisados à luz de categorias como território, espaço geográfico, memória e identidade, permitindo reconstruir as dinâmicas de territorialização e as práticas cotidianas que sustentam a comunidade.

Paralelamente, foi realizada pesquisa bibliográfica e documental, com o objetivo de sustentar teoricamente as análises e relacionar as narrativas locais a debates mais amplos sobre o campo, a resistência camponesa e os processos de (re)territorialização no contexto do Cariri cearense.

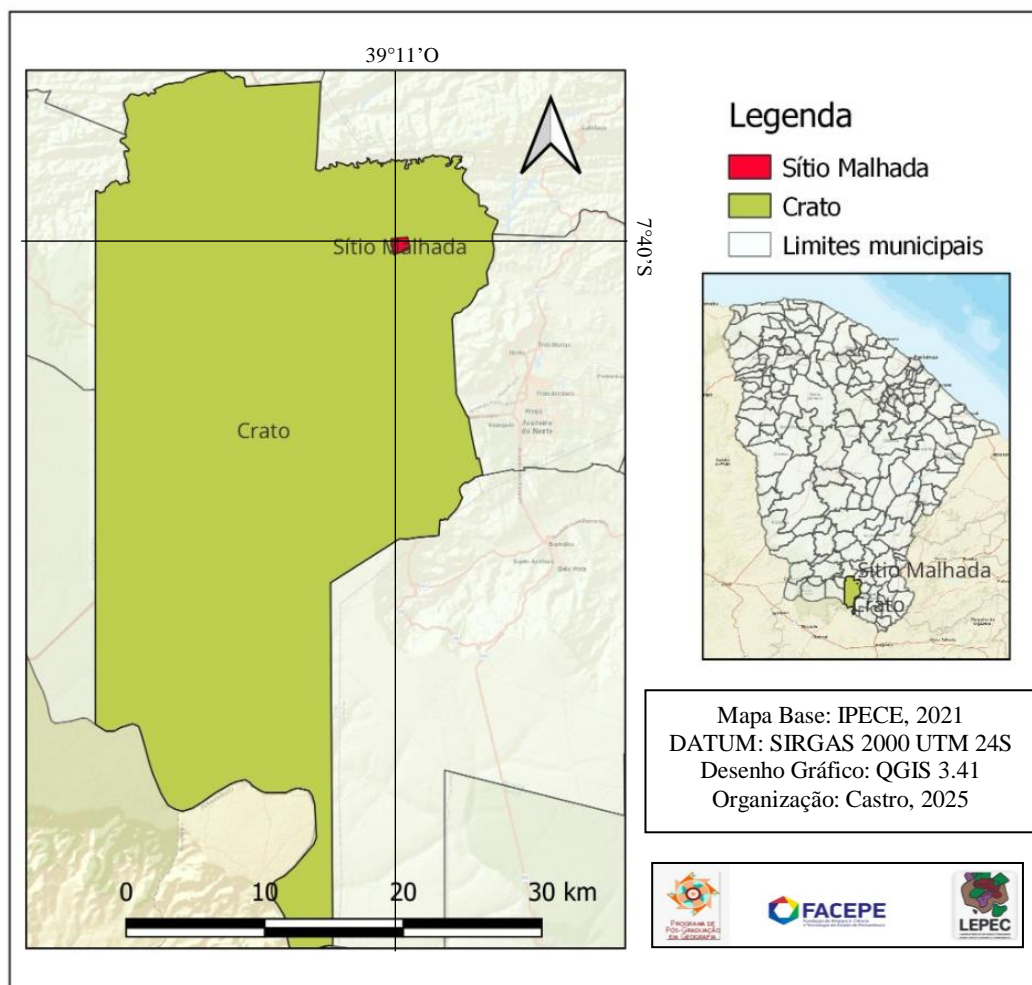
Para a representação espacial e visualização das informações, foi elaborado um mapa de localização utilizando o software QGIS, que possibilitou integrar os dados empíricos obtidos nas entrevistas com bases cartográficas e imagens de satélite. Essa articulação entre a dimensão qualitativa e a cartográfica permitiu dar visibilidade à espacialidade das memórias, evidenciando o território da Malhada como espaço vivido, construído e disputado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O Sítio Malhada está localizado no distrito de Ponta da Serra, na zona rural do município do Crato, região sul do estado do Ceará. Situado nas proximidades do rio Carás e cercado por pequenas elevações e áreas de vegetação nativa, o Sítio integra um conjunto de comunidades rurais que mantêm forte vínculo com a agricultura familiar.



**Figura 1:** Mapa de Localização do Sítio Malhada no Crato – CE



**Fonte:** Os Autores, 2025.

A localidade (figura 1) encontra-se a aproximadamente 18 quilômetros da sede urbana do Crato, acessível por estradas vicinais que conectam os povoados da Ponta da Serra a outras comunidades vizinhas, como Macapá, Umburana e Quebrada. Esse território apresenta uma dinâmica marcada pela cooperação entre famílias agricultoras, destacando-se pela presença de unidades produtivas coletivas, como a casa de farinha, que reforça a economia local e os laços de solidariedade comunitária.

A casa de farinha da Malhada, originalmente vinculada à associação comunitária, funciona de forma sazonal, com maior intensidade durante a Expocrato, evento regional que determina a temporalidade produtiva do território. Essa sazonalidade, como aponta Harvey (2006), reflete a



subordinação da economia popular às dinâmicas do capital, impondo ritmos externos às necessidades cotidianas da população local.

No entanto, a decisão da família de Maria de Lourdes em construir uma casa de farinha própria inaugurou um processo de reterritorialização. A produção deixa de depender exclusivamente do calendário da feira regional, e passa a atender às demandas locais, fortalecendo a autonomia econômica e social da família e da comunidade. Essa experiência manifesta a capacidade de apropriação social do espaço, nos termos de Lefebvre (1991), e demonstra como a conjugação entre saber tradicional e técnica moderna pode reinventar as formas de resistência e permanência no campo.

Ademais, a dinâmica produtiva que se realiza na casa de farinha da Malhada revela a centralidade do trabalho como mediação entre os sujeitos e o território. Nesse sentido, é pertinente retomar Marx (1867/2015, p. 327), ao afirmar que “O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza”.

Assim, essa concepção permite compreender que o fazer camponês não é mera repetição de técnicas tradicionais, mas uma ação intencional que transforma a matéria, o espaço e os próprios sujeitos envolvidos. A casa de farinha, portanto, não é apenas um equipamento produtivo, mas expressão da capacidade humana de transformar a natureza por meio do trabalho socialmente organizado, articulando saberes ancestrais e técnicos, memória e intencionalidade histórica.

A cooperação familiar, o trabalho intergeracional e o uso compartilhado dos saberes são elementos centrais para a produção da farinha, o que reforça os vínculos afetivos e a coesão comunitária. A casa de farinha torna-se, assim, um núcleo de produção e também de memória, identidade e luta.

## **Economia Solidária e experiências territoriais no Cariri cearense**

A Economia Solidária constitui-se como uma forma alternativa de organização econômica baseada na cooperação, na autogestão e na valorização do trabalho coletivo, contrapondo-se à lógica capitalista centrada na competição e na acumulação privada. Conforme aponta Singer (2002), ela emerge como resposta às desigualdades estruturais geradas pelo sistema capitalista, buscando reconstruir o vínculo entre economia e sociabilidade.



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

Nessa perspectiva, as práticas solidárias — como associações, cooperativas e empreendimentos comunitários — representam tentativas concretas de democratizar os meios de produção e a gestão dos recursos, promovendo uma economia voltada ao bem viver coletivo e não à maximização do lucro. Assim, a Economia Solidária articula-se com valores éticos, políticos e culturais que desafiam o paradigma dominante de desenvolvimento, propondo novas formas de produzir, distribuir e consumir baseadas na reciprocidade e na sustentabilidade.

No contexto latino-americano, a Economia Solidária adquire contornos próprios, ao se articular com saberes ancestrais, práticas comunitárias e territorialidades específicas que antecedem o modelo europeu de Economia Social. Como observa Oliveira (2023), as chamadas Economias Solidárias e Territoriais (EST) expressam uma resistência histórica às ofensivas do capitalismo em suas múltiplas fases — do colonialismo à globalização — e evidenciam formas autônomas de organização econômica enraizadas nas comunidades locais.

Dessa fomar, essas experiências revelam que a solidariedade econômica não é uma invenção recente, mas um legado de práticas coletivas que persistem como alternativas de reexistência frente à desterritorialização imposta pelos projetos hegemônicos de desenvolvimento.

Nesse sentido, compreender a Economia Solidária na América Latina implica reconhecer a centralidade dos territórios e das práticas sociais concretas na dinâmica das relações de produção, evidenciando as contradições entre capital e trabalho e as possibilidades de superação das formas de exploração que estruturam o modo de produção capitalista.

Ao discutir a economia solidária, Singer (2002) enfatiza que ela não deve ser confundida com o cooperativismo tradicional, muitas vezes capturado pela lógica empresarial e submetido às exigências do mercado. Diferentemente disso, a economia solidária propõe a autonomia dos trabalhadores e o controle coletivo sobre os meios de produção, fundamentando-se em valores como igualdade, solidariedade e autogestão. A ênfase está na construção de um modelo econômico centrado nas pessoas, e não no lucro — o que se aproxima das formas de organização encontradas em comunidades camponesas e em experiências coletivas como a da casa de farinha da Malhada.

Nesse espaço comunitário, o trabalho é orientado por relações de reciprocidade e ajuda mútua, nas quais o tempo e o esforço de cada participante são reconhecidos de maneira equitativa. A produção da farinha de mandioca envolve a divisão de tarefas e a partilha do produto final, reforçando uma lógica de cooperação e pertencimento que desafia a racionalidade capitalista. Assim, o território deixa de ser apenas um suporte físico para a produção e torna-se um espaço de



sociabilidade e resistência, onde se constroem práticas econômicas pautadas pela solidariedade e pelo cuidado coletivo.

Sob essa perspectiva, a economia solidária também pode ser compreendida como uma forma de ordenamento territorial desde os de baixo, uma vez que emerge da iniciativa das próprias comunidades, em resposta à ausência ou à ineficácia das políticas públicas voltadas para o meio rural. O caso da Malhada evidencia que o fortalecimento dessas práticas depende mais da mobilização social e da confiança mútua do que de investimentos externos. Isso não significa negar a importância do apoio institucional, mas reconhecer que o protagonismo local é o elemento que garante a sustentabilidade social e simbólica da experiência.

**Figura 2 – Forno da Casa de Frinha da Comunidade da Malhada no Crato – CE**



Fonte: Os autores (2025)

A figura 2 mostra um dos moradores do Sítio Malhada trabalhando no forno da casa de farinha. Nesse momento em que o entre o cheiro da farinha tostada e o brilho avermelhado das brasas, pode-se afirmar que o trabalho se torna expressão de saber e resistência, unindo técnica, tradição e pertencimento ao território. Cada movimento do corpo diante do forno reafirma a continuidade de um modo de vida camponês sustentado pela solidariedade e pela memória coletiva.

A leitura proposta por Michael Löwy (2005) sobre o socialismo indo-americano possibilita compreender a Economia Solidária não apenas como um conjunto de práticas econômicas alternativas, mas como expressão de uma luta histórica e civilizatória contra a lógica destrutiva do capital. Ao retomar o diálogo entre marxismo e as tradições comunitárias latino-americanas, o autor



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

propõe uma síntese crítica entre o pensamento revolucionário europeu e as formas de sociabilidade autóctones, construídas a partir de valores de reciprocidade, ajuda mútua e relação harmônica com a natureza.

Essa perspectiva amplia a compreensão da solidariedade econômica, situando-a no contexto das contradições estruturais do capitalismo dependente e colonial que marca a América Latina. Assim, a Economia Solidária passa a ser entendida não como mera correção moral das injustiças do mercado, mas como campo concreto de disputa política e de produção de novas relações sociais que antecipam, em seu interior, os princípios de uma sociedade pós-capitalista.

Ao reconhecer o caráter histórico e territorial dessas experiências, Löwy (2005) reforça que a transformação social não pode ser importada de modelos externos, mas deve emergir das próprias contradições e potencialidades das formações sociais latino-americanas.

Nessa direção, as Economias Solidárias e Territoriais propostas por Oliveira (2023) assumem papel central como laboratórios de resistência e criação coletiva de novas formas de vida enraizadas nos territórios populares, indígenas e camponeses. Sob a ótica do Materialismo Histórico-Dialético, essas práticas revelam que a luta por emancipação não se limita à tomada dos meios de produção, mas envolve a reconstrução das bases éticas, culturais e ecológicas que sustentam a vida em comunidade.

Desse modo, as reflexões de Löwy (2005) contribuem para compreender a Economia Solidária como dimensão concreta da luta de classes e como expressão de um projeto socialista latino-americano, plural, ecológico e territorialmente situado.

A reflexão de David Harvey (2020) em Anticapitalismo em tempos de pandemia oferece elementos fundamentais para compreender as Economias Solidárias como expressões concretas de resistência às crises estruturais do capitalismo.

Para o autor, o sistema capitalista é inerentemente contraditório e tende a produzir crises recorrentes, nas quais o capital busca novas formas de acumulação por meio da exploração do trabalho, da mercantilização da vida e da apropriação dos bens comuns. Nesse contexto, Harvey destaca que as crises, como a desencadeada pela pandemia da COVID-19, desvelam as fragilidades do modelo neoliberal e abrem brechas históricas para o fortalecimento de práticas econômicas alternativas.

As experiências de autogestão, cooperação e produção comunitária, típicas da Economia Solidária, aparecem, assim, como respostas organizadas à degradação social e ambiental provocada



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-SOHNALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

pelo capital, expressando a capacidade coletiva de criação de novas formas de vida e de sociabilidade.

Além disso, Harvey (2020) contribui para uma leitura espacial e dialética da Economia Solidária ao compreender o território como produto e meio das lutas de classe. Sua análise do “ajuste espacial” do capital demonstra como o sistema se reorganiza territorialmente para conter suas próprias contradições, deslocando crises e desigualdades de um espaço a outro. As Economias Solidárias e Territoriais, ao contrário, constroem-se sobre lógicas de redistribuição, cuidado e sustentabilidade, desafiando o domínio do capital sobre o espaço e o tempo social.

Dessa forma, a perspectiva de Harvey permite compreender que tais experiências não apenas resistem à dinâmica destrutiva do capital, mas também anunciam possibilidades concretas de transformação social, ao articular o local e o global em um movimento de luta anticapitalista e emancipatória.

A experiência da casa de farinha no Sítio Malhada, localizado na zona rural do município do Crato – CE, representa uma prática concreta de economia solidária e territorial, fundada na cooperação e na autogestão comunitária. Organizada por famílias agricultoras, a casa de farinha constitui um espaço de produção coletiva e de fortalecimento dos vínculos sociais, onde o trabalho é partilhado e o resultado é distribuído de forma equitativa entre os participantes.

Essa forma de organização do trabalho contrasta com a lógica capitalista de produção individualizada e competitiva, reafirmando valores de solidariedade, reciprocidade e pertencimento ao território. A farinha de mandioca, produto central dessa atividade, não é apenas um bem econômico, mas também um símbolo cultural que expressa a continuidade das práticas camponesas e a resistência às transformações impostas pelas políticas de modernização agrícola e pela desterritorialização do campo.

Nesse contexto, a casa de farinha da Malhada evidencia como as economias locais podem se constituir em espaços de resistência e de reexistência diante da expansão das relações capitalistas no meio rural. O empreendimento comunitário reafirma o território como instância de vida, trabalho e identidade, onde o fazer produtivo está articulado à preservação de saberes ancestrais e à gestão coletiva dos recursos.

Assim, ao articular a produção agrícola com práticas de solidariedade e autogestão, a experiência se aproxima do que Oliveira (2023) define como Economias Solidárias e Territoriais (EST), demonstrando que a sustentabilidade e a emancipação não se limitam a objetivos econômicos, mas envolvem dimensões sociais, culturais e políticas. Assim, a casa de farinha do



Sítio Malhada pode ser compreendida como uma expressão viva da economia solidária latino-americana, territorializada e fundada na luta cotidiana por autonomia e dignidade no campo.

As falas de Dona Maria de Lourdes revelam, de maneira sensível e concreta, as múltiplas dimensões que estruturam o trabalho e a vida no campo. Sua narrativa percorre trajetórias de deslocamento, retorno e reorganização familiar em torno da produção na casa de farinha, evidenciando como o território rural se configura como espaço de resistência, solidariedade e pertencimento.

### Figura 3: Entrevista com os moradores do Sítio Malhada



Fonte: Os autores (2025)

Mais do que descrever uma atividade econômica, suas palavras traduzem o modo como o trabalho coletivo sustenta a reprodução social da comunidade e reafirma vínculos afetivos e simbólicos com a terra. Nesse sentido, o testemunho de Dona Maria de Lourdes permite compreender a materialidade das relações produtivas e a força da economia solidária como alternativa concreta às formas de subordinação impostas pela lógica capitalista, situando o território como lugar de vida, memória e autonomia.

Depois de terminar o curso de Técnico Agrícola no Instituto Federal, aqui no Crato. Eu fui trabalhar peto d Fortaleza. Lá eu fiquei seis anos. Era na agricultura,



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

eu prestava assessoria. Era uma seleção para técnico. [...] Aí o meu pai ficou doente, aí eu voltei. Voltei pra casa. Aí a gente fica em casa e faz de tudo um pouco, né? Na roça. (Relato oral de Maria de Lourdes, 2025)

A fala evidencia um processo de circulação entre diferentes formas de inserção produtiva — do emprego técnico vinculado ao Estado à retomada das atividades agrícolas familiares. Essa mobilidade expressa uma dinâmica recorrente nas trajetórias rurais contemporâneas: a necessidade de combinar saberes formais com práticas tradicionais como estratégia de reprodução social. A decisão de retornar ao território de origem após o adoecimento do pai também revela o papel do pertencimento e da responsabilidade familiar como elementos estruturantes da vida rural. Nesse sentido, o território aparece não apenas como espaço físico de moradia, mas como lugar de vínculos afetivos e de continuidade cultural, conforme destaca Haesbaert (2004) ao discutir o território como abrigo e fonte de identidade.

E como é da família, a gente tem todo mundo de casa. Trabalho eu, que sou irmã dele, correto? Aí a sogra vem dar uma ajuda. Tem a minha sobrinha, vem ajudar a fazer o almoço. [...] Aí a minha filha, por exemplo, se a minha filha estiver aqui e Zé estiver lá ocupado, ela já ajuda no caixa. (Relato oral de Maria de Lourdes, 2025)

Nesse trecho, dona Maria de Lourdes descreve uma forma de organização do trabalho tipicamente solidária e familiar, que rompe com a lógica da divisão capitalista do trabalho. A produção da casa de farinha é sustentada por uma rede de cooperação entre parentes e vizinhos, em que as funções produtivas e reprodutivas se entrelaçam. Trata-se de uma expressão concreta da economia solidária, conforme conceituada por Paul Singer (2002), que se baseia na autogestão e na reciprocidade como princípios organizadores. Ao envolver múltiplos membros da família — mulheres, filhos e sogra —, o empreendimento assume também um caráter pedagógico e comunitário, reforçando a dimensão territorial da solidariedade.

E o melhor de todo o trabalho é que toda semana ele tem uma renda, certo? [...] E ele com essa casa de farinha aqui, essa hora não tem ninguém, mas quando for três horas, quatro horas, sempre tem gente que vem comprar. E toda semana ele tem uma renda, se for 200 reais, 300 reais, mas toda semana ele tem. (Relato oral de Maria de Lourdes, 2025)

A constância da renda mencionada pela entrevistada indica um processo de estabilização econômica em torno da produção local. Diferente da sazonalidade típica das culturas agrícolas, a



casa de farinha cria um fluxo contínuo de geração de valor e garante certa autonomia financeira às famílias envolvidas.

Isso posto, essa renda semanal, embora modesta, assegura o pagamento de despesas básicas e reduz a dependência de políticas públicas assistenciais, fortalecendo a permanência no território. A casa de farinha, nesse sentido, funciona como um núcleo de economia endógena, em que o trabalho familiar se converte em estratégia de resistência frente à lógica excludente do agronegócio e das políticas de desterritorialização.

A experiência da casa de farinha evidencia, sob a ótica marxista, que o trabalho continua sendo a base material e simbólica da vida social, pois, como afirma Marx (2015), é por meio dele que o ser humano transforma a natureza e, simultaneamente, se transforma. A organização produtiva descrita pela entrevistada expressa uma forma de trabalho cooperativo e familiar que resiste à lógica capitalista da exploração e da mercantilização total da vida.

Essa forma de produção, embora inserida nas contradições do sistema, se aproxima do que Singer (2002) conceitua como economia solidária — um modo de organização fundado na autogestão, na partilha e na reciprocidade. Do ponto de vista territorial, Haesbaert (2004) lembra que o território é também espaço de abrigo e identidade, sendo constantemente (re)construído pelas práticas sociais que o sustentam.

Assim, a renda semanal gerada pela casa de farinha, ainda que modesta, assume valor político e emancipador, pois garante a reprodução social e o pertencimento comunitário. Conforme analisa Harvey (2014), essas pequenas iniciativas locais representam fissuras na lógica do capital, revelando que a resistência cotidiana e o trabalho coletivo podem constituir alternativas reais de reorganização da vida e do território distantes da lógica de acumulação do capital.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iluminar a trajetória da casa de farinha da Malhada, o artigo evidencia que ela transcende a condição de mera herança cultural: trata-se de um agente ativo na construção de alternativas ao modelo hegemônico de desenvolvimento rural. Nesse sentido, a casa de farinha se inscreve como expressão concreta do que David Harvey denomina de “produção social do espaço”, uma vez que articula práticas territoriais ancoradas em relações de cooperação, reciprocidade e resistência às



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

lógicas do capital. Mais do que uma unidade produtiva, ela representa um contraespaço — um território insurgente — forjado pela ação coletiva de sujeitos que recusam a lógica da acumulação por despossessão, conceito central na crítica marxiana ao modo de produção capitalista.

Ao dialogar com a tradição da economia solidária formulada por Paul Singer (2002), a experiência da casa de farinha da Malhada revela-se como prática concreta de autogestão e de produção não subordinada à lógica do capital. Singer destaca que a economia solidária emerge das brechas deixadas pelo sistema capitalista, criando formas cooperativas de trabalho que resgatam o valor social do produzir em comum. Nesse sentido, a casa de farinha materializa uma racionalidade econômica alternativa, baseada na reciprocidade, na partilha e na centralidade do trabalho coletivo — elementos que reafirmam a possibilidade de um desenvolvimento fundado em princípios de solidariedade e emancipação social.

Sob a perspectiva de Haesbaert (2004), o território deve ser compreendido como uma construção múltipla, que reúne dimensões materiais, simbólicas e políticas. O território da Malhada, portanto, não é apenas o espaço físico onde se localiza a casa de farinha, mas um território vivido, tecido pelas relações sociais que nele se constroem e se reinventam. Ao resistir à homogeneização imposta pelo modelo capitalista de produção, os moradores produzem uma forma de reterritorialização que combina tradição e inovação, expressando o que Haesbaert (2004) chama de “multiterritorialidade” — uma territorialidade marcada pela coexistência de práticas diversas, mas articuladas em torno da defesa da vida e da autonomia camponesa.

Assim este artigo pode contribuir para o campo da economia popular e dos estudos territoriais ao demonstrar que práticas produtivas de base comunitária, como a da casa de farinha, constituem formas efetivas de resistência e reorganização territorial frente ao avanço do capital sobre o campo. Ao evidenciar como o trabalho coletivo e a solidariedade podem gerar alternativas reais de desenvolvimento, o estudo amplia o debate acadêmico sobre a economia popular, articulando-o à crítica marxista da acumulação e à defesa de modelos territorialmente enraizados. Do ponto de vista político, a pesquisa oferece subsídios para repensar políticas públicas voltadas ao fortalecimento das economias locais e ao reconhecimento das comunidades rurais como sujeitos ativos da transformação territorial.

Sem embargo, a casa de farinha, enraizada nas redes familiares e comunitárias, constitui-se como instrumento de reprodução social da vida camponesa, reafirmando a centralidade do trabalho enquanto mediação ontológica entre o ser humano e a natureza, conforme postulado por Karl Marx (2015). Produz-se, nesse território, não apenas farinha, mas também dignidade, pertencimento e



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

horizonte de futuro — elementos que desafiam a lógica da mercantilização da vida e recolocam no centro do debate a luta por modelos de desenvolvimento territorialmente situados, socialmente justos e politicamente emancipatórios.

De forma concludente, ao reconhecer a casa de farinha como símbolo de um território insurgente, o artigo reafirma a necessidade de fortalecer experiências que emergem “desde os debaixo”. A experiência da Malhada demonstra que o futuro do desenvolvimento rural depende da valorização das práticas locais e da consolidação de políticas que apoiem formas de economia solidária e autogestionária. Assim, a casa de farinha não apenas preserva a cultura camponesa, mas projeta um horizonte de emancipação territorial e social que desafia o modelo hegemônico de desenvolvimento e reafirma o protagonismo das comunidades na construção de seu próprio destino.

## REFERÊNCIAS

DIÁRIO DO NORDESTE. Agência de Conteúdo DN: **Expocrato 2025 gerou mais de 20 mil empregos e movimentou R\$ 140 milhões no Cariri.** 25 de julho de 2025. Disponível em: <[https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/expocrato-2025-gerou-mais-de-20-mil-empregos-e-movimentou-r-140-milhoes-no-cariri-1.3673606?utm\\_source=chatgpt.com](https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/expocrato-2025-gerou-mais-de-20-mil-empregos-e-movimentou-r-140-milhoes-no-cariri-1.3673606?utm_source=chatgpt.com)> Acesso em 07 de agosto de 2025.

HARVEY, D. **Anticapitalismo em tempos de pandemia: Marxismo e ação coletiva.** Boitempo Editorial, 2020.

\_\_\_\_\_. **O novo imperialismo.** 8. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Capital.** São Paulo: Annablume, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LEFEBVRE, H. **A Produção do Espaço.** São Paulo: EDUSP, 1991.

LÖWY, Michael. **Por um socialismo indo-americano: seleção e introdução.** Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2005.

MARX, Karl. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política.** Livro 1: O processo de produção do capital. Boitempo Editorial, 2015.

OLIVEIRA, Maria Rosana da Costa. **Economias solidárias e territoriais (EST) para a autonomia camponesa: uma análise sobre a Associação dos Produtores Agroecológicos (APA) Bodega do Povo - Viçosa - CE - Brasil e a Cooperativa Multiativa para o Desenvolvimento do**



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

**Madalena Médio (COOMULDEMM) - Yondó - Colômbia.** 2023. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. 224 p. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/57221?mode=full>.

SINGER, Paul. **Introdução a Economia Solidária.** 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.